

## NOTAS SOBRE COMPETIÇÃO E BLOQUEIO DE AFIOS: O CASO DAS NOMINALIZAÇÕES

### REMARKS ON COMPETITION AND BLOCKING OF AFFIXES: THE CASE OF NOMINALIZATIONS

MAURÍCIO RESENDE<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo explora fenômenos morfológicos e semânticos que subjazem à sufixação, com ênfase na formação de nominalizações eventivas do português à luz dos pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993). Primeiramente, este estudo discute o estatuto da sufixação como processo geral de formação de palavras que envolve mudança de classe em português e levanta questões a respeito das motivações para o grande repertório de sufixos nominalizadores do PB. Em seguida, o presente trabalho mostra que, pelo menos, um subconjunto dos sufixos nominalizadores produz algum efeito semântico sobre a raiz/estrutura com que se combina, mas que tal contribuição semântica não deve ser confundida com aspecto, como defendem alguns autores. Por fim, este artigo tece algumas considerações sobre a melhor forma de o sistema acomodar a ocorrência de diferentes sufixos, tanto com motivações semânticas quanto puramente morfológicas.

**Palavras-chave:** nominalizações; sufixos; morfologia distribuída.

**ABSTRACT:** This paper exploits morphological and semantic phenomena underlying the suffixation, by focusing on Portuguese event-nominalizations, in the light of the Distributed Morphology framework (HALLE & MARANTZ, 1993). First, this case-study discusses the status of suffixation as a general process of word formation involving change of category and raises questions on the motivation to the great inventory of BP nominalizers. Secondly, the present work shows that, at least, a subset of suffixes triggers some semantic effect on the root/structure which they occur with, but such a semantic contribution must not be misinterpreted as aspect, as it is claimed by some authors. Finally, this paper makes some remarks on the best way for the system to accommodate the occurrence of different suffixes with both semantic and purely morphological motivation.

**Keywords:** nominalizations; suffixes; distributed morphology.

## 1. INTRODUÇÃO: NOMINALIZAÇÃO E NOMINALIZADORES

De uma maneira geral, os processos morfológicos que envolvem mudança de classe no português brasileiro (PB) se dão por meio de sufixação. Logo, seguindo

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil. [mauri\\_cio\\_resende@hotmail.com](mailto:mauri_cio_resende@hotmail.com)

Gostaria de agradecer ao Renato Basso e à Roberta Pires de Oliveira, com quem tive valiosas conversas sobre aspecto. Agradeço ainda a um dos pareceristas anônimos por seus apontamentos e sugestões. Todos os erros remanescentes são meus. Finalmente, agradeço ao CNPq pelo financiamento da minha pesquisa de Doutorado, processo 141644/2016-8.

essa tendência, os processos de nominalização ocorrem mediante a adição de um sufixo. É verdade que existem nominalizações que, pelo menos fonologicamente, não exibem sufixos, tais como *fala*, *corte* e *grito*. No entanto, ainda que trabalhos clássicos, como Basílio (1980), tenham tratado esse fenômeno (que a tradição gramatical nomeia “derivação regressiva”) como instâncias de nominalização não afixal, estudos mais recentes têm advogado em favor de que, mesmo nesses casos, há um sufixo presente, tais como Khedi (1992), Rocha (1998, 1999), Monteiro (2002), Resende (2016a, 2018).

Para esses autores, exemplos como *fala*, *corte* e *grito* são instâncias de sufixação zero, isto é, há um elemento morfológicamente presente, e fonologicamente nulo, que ocupa uma certa posição, com a função nominalizadora que, em outras nominalizações é preenchida por *-ção*, *-mento* etc. (cf. Quadro 1). Vale a pena notar que, do ponto de vista analítico, não há nada *a priori* que sugira que se o nome *grito*, por exemplo, contiver um morfema fonologicamente nulo, trata-se de um sufixo (e não de um prefixo), exceto a tendência do PB de que processos que envolvem mudança de classe sejam produto de sufixação.

Portanto, na ausência de evidências empíricas que corroborem ou invalidem qualquer escolha teórica a respeito da posição do elemento nominalizador (no caso de haver algum, de fato), torna-se mais coerente e parcimoniosa a assunção de que nominalizações “não afixais” seguem um padrão morfológico geral da língua e que, portanto, contêm um sufixo também nesses casos, embora fonologicamente nulo.

Dito isso, há uma questão mais ampla que subjaz ao fenômeno da nominalização e que tem a ver com a (a)sistematicidade das combinações dos sufixos com os tipos de peças/estruturas verbais que estão na base de sua derivação. Como o Quadro 1 ilustra a seguir, o imenso repertório de sufixos nominalizadores do PB faz surgir a questão de se todos eles têm as mesmas propriedades. A despeito da diferente realização fonológica, do ponto de vista sintático, é bastante claro que sim, já que todos esses nominalizadores têm a função de transformar uma raiz ou uma estrutura (já categorizada) em um nome.

Assim sendo, as perguntas mais pertinentes com relação à grande variedade de nominalizadores deveriam ser: (i) os sufixos sozinhos portam algum tipo de significado e/ou produzem algum efeito semântico sobre o nome que formam? (ii) os sufixos têm alguma preferência/restricção quanto ao tipo de raiz/estrutura com que se combinam? Em casos como os de nominalizadores que formam agentes (*ajudante*), instrumentos (*cortador*) e locativos (*fumódromo*) – ou o que Rocha (1999) chama de “nominalizações *lato sensu*” – a resposta é, mais transparentemente, afirmativa.

Todavia, a ocorrência de um mesmo nominalizador em contextos diferentes torna menos óbvia a conclusão de que os sufixos podem contribuir composicionalmente para aquilo que o nome denota, como mostram os exemplos em (1) para *-ção* – cf. Basílio (2004) para discussão desse fenômeno.

1. (a) A declaração está dentro da pasta amarela (objeto).
- (b) A declaração deve ser feita em rede nacional (evento).

Pondo de lado esses casos, é bem sabido que a maior parte do repertório de sufixos nominalizadores do PB é responsável pela nominalização de situações verbais, ou seja, casos em que o evento (ou o estado) expresso pelo verbo é retomado por um nome, como ilustrado em (2) – para Rocha (1999), “nominalizações *stricto sensu*”. O que os dados em (2) mostram é que não somente um mesmo sufixo pode aparecer em diferentes contextos, mas também um mesmo contexto pode licenciar diferentes sufixos – cf. Grimshaw (1990) para uma discussão sobre ambiguidade no sistema nominal.

2. (a) O cachorrinho desapareceu → o desaparecimento do cachorrinho.
- (b) A empreiteira reciclou o lixo → a reciclagem do lixo pela empreiteira.

É possível que parte do desinteresse dos morfólogos estruturalistas pelos processos derivacionais tenha resultado da aparente assistemática das operações que envolvem a sufixação como processo de formação de palavras, diferentemente do que acontece no domínio flexional, em que a morfossemântica é regular, produtiva e previsível. Mesmo nas primeiras formulações de uma teoria morfológica à luz dos pressupostos da Gramática Gerativo-Transformacional (GGT) – como, por exemplo, Aronoff (1976) – as perguntas (i) e (ii), formuladas anteriormente, não se colocavam. A busca por compreender a morfossemântica dos nominalizadores – do PB e de outras línguas – é mais recente.

No modelo de Aronoff, os sufixos – sendo REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS (RFPs) – atuam como marcadores de categoria e não atribuem ao predicado/evento uma contribuição *semântica*. Uma consequência direta dessa abordagem pode ser vista na maneira como aparece articulada nesse modelo a múltipla ocorrência de afixos, a saber, em termos de BLOQUEIO.

Em linhas gerais, Aronoff (p. 43) chama de “bloqueio” a não ocorrência de uma forma simplesmente em virtude da existência de uma outra forma, isto é, dada a existência de um sufixo nominalizador X, a gramática bloqueia a ocorrência de um nominalizador Y no mesmo ambiente morfológico. Mais especificamente, Aronoff (p. 55) afirma que a operação de bloqueio impede que se forme uma lista de sinônimos derivados de uma única forma. Assim, -ção bloquearia a ocorrência de -mento (e o PB disporia de *realização*, mas não de \**realizamento*) ainda que as duas formas fossem potencialmente sinônimas já que ambas são nominalizações (eventivas) de *realizar*.

Sob essa perspectiva, o significado é uma característica da palavra como um todo, não do sufixo em si. Seja como for, ainda que a *noção de bloqueio* venha ocupando um lugar de destaque nas teorias morfológicas, é verdade que a *operação de bloqueio* nunca foi formalizada por Aronoff. No que toca ao PB, sabe-se que essa língua dispõe de um repertório grande de sufixos nominalizadores; como aparece discutido em § 2, este trabalho mostra que se trata de um conjunto de 23 sufixos (incluindo o sufixo Ø).

À primeira vista, se eles forem, de fato, meros indicadores de categoria, espera-se que a ocorrência de um dado sufixo simplesmente bloqueie a ocorrência de outro, uma vez que o sistema obsta a existência de sinônimos perfeitos.

Contudo, um levantamento mais acurado das ocorrências das nominalizações no PB mostra que existem vários verbos para os quais há mais de uma nominalização disponível, como *improviso/improvisação*, *medicação/medicamento*, *matação/matança* etc. Tais casos colocam um problema para a noção clássica de bloqueio. Portanto, algo mais deve ser dito: ou a noção de bloqueio é muito restritiva ou os sufixos nominalizadores não têm a mesma função morfossemântica – ou um pouco das duas coisas.

Dadas essas considerações, o objetivo do presente artigo é mostrar que ainda que a noção de bloqueio seja, em alguma medida, intuitiva, ela não é o único recurso do sistema para licenciar a boa formação das estruturas morfológicas, já que a ocorrência de um determinado sufixo depende não somente do contexto estrutural, mas também do seu contexto semântico. A ideia defendida neste trabalho, portanto, é a de que diferentes sufixos podem desencadear mudanças semânticas em relação àquilo que a base verbal/o verbo denota.

Muitos trabalhos recentes sobre as nominalizações no PB – como Oliveira (2006), Scher (2006), Oliveira (2007), Medeiros (2010), Freitas (2014), Resende (2018) – têm advogado em favor de uma abordagem sintática para a formação de palavras e, a partir dela, de uma semântica composicional para as nominalizações, que é apreendida a partir de sua estrutura. Nesse modelo, como ilustrado em § 4, é muito mais elegante a forma de acomodar uma possível contribuição semântica do nominalizador.

No que tange ao inventário de sufixos nominalizadores do PB, como adiantado, este artigo apresenta o levantamento de 23 itens, como aparece no Quadro 1, sendo “n” o sufixo nominalizador e “ɜ” a vogal temática nominal. As variações alomórficas do sufixo ou da vogal temática aparecem entre “/”.

n°	ɜ	Exemplos
Ø	o / a / e	grito, fala, corte
ment	o / a	casamento, fingimento, vestimenta
d	o / a	pedido, chamado, mordida
t	o / a	assassinato, inquérito, passeata
tóri	o / a	falatório, interrogatório, escapatória
i	o / a	domínio, equilíbrio, garantia
ção	Ø	destruição, consolação, constatação
ão	Ø	puxão, beliscão, empurrão
r	Ø	dever, poder, saber
ur / dur / tur	a	fritura, mordedura, assinatura
ri / di	a	correria, gritaria, estadia
nç / nci	a	esperança, crença, aparência
gem	Ø	lavagem, contagem, reciclagem
tiv	a	justificativa, tentativa, iniciativa
im	o	empréstimo, acréscimo, batisimo

ç	o	cansaço, sumiço, serviço
ári	o	comentário, documentário, noticiário
ec	o	repeteco
deir	a	brincadeira
lheir	a	roubalheira
it	a	colheita
et	a	chupeta
em	a	telefonema

**Quadro 1: inventário dos sufixos nominalizadores do PB**

No que concerne ao Quadro 1 e à sua organização, algumas observações devem ser feitas. Primeiramente, o levantamento de sufixos nominalizadores apresentado se baseia em um recorte unicamente observacional, qual seja: sufixos que formam nomes e que apresentam leitura de evento/estado.<sup>2</sup> A inclusão de todos esses dados em um único quadro não implica nenhuma generalização sobre produtividade ou sobre restrições de combinação.

Em segundo lugar, embora o Quadro 1 reúna exemplos de sufixos que derivam nominalizações eventivas, pode ser o caso de outras nominalizações formadas pelo mesmo sufixo apresentarem leituras não eventivas. Além disso, ainda que este trabalho apresente um inventário bastante completo dos sufixos nominalizadores do PB e de suas variações, a organização e distribuição desses exemplos (por exemplo, na determinação de alomorfes) pode ser refeita à luz de novas evidências empíricas ou de generalizações mais consistentes do que aquelas fornecidas pelo presente estudo.

Por fim, a hipótese de que um mesmo sufixo pode ocorrer com diferentes vogais temáticas nominais se pauta na ideia de que as vogais temáticas não fazem parte do elemento nominalizador, mas possuem uma natureza e um estatuto teórico distintos – diferentemente do que é assumido por Basílio (1980, 2004), Rocha (1998, 1999) e outros – o que é discutido em § 4. Dadas essas observações, com base no Quadro 1, este artigo flerta com a hipótese de que diferentes sufixos “com a mesma função” (isto é, a de nominalizar verbos/peças verbais) podem provocar efeitos semânticos distintos.

Claro, uma análise detalhada de cada um dos casos extrapolaria muito, em espaço e escopo, os propósitos deste estudo. Assim sendo, o presente trabalho faz comentários gerais acerca de diferentes propriedades que estão em jogo na sufixação e defende que a operação de bloqueio não é suficiente nem necessária para uma caracterização do fenômeno da nominalização no PB. Para tanto, este artigo discute tanto que tipo de significado os sufixos *não* podem ter (§ 2) quanto que tipo de efeito de sentido eles podem produzir (§ 3). Finalmente, são tecidos

---

<sup>2</sup> Há ainda *-ete* (*lembrete*), *-ra* (*mentira*), *-edo* (*brinquedo*), *-el* (*aluguel*) e *-or* (*clamor*), que não denotam eventos, mas se relacionam aos seus verbos cognatos pelo compartilhamento da raiz (e talvez alguma de porção estrutural).

alguns comentários sobre como o sistema pode acomodar todas essas diferentes funções (§ 4).

## 2. NOMINALIZAÇÃO E ASPECTO

Como afirmado, este artigo explora a hipótese de que diferentes nominalizadores podem veicular diferentes leituras. Contudo, pelo menos parte dessa premissa apresenta pouca novidade. Alguns trabalhos do PB sobre nominalizações e/ou sobre a relação entre verbos e nomes defendem que existe alguma correspondência entre o recurso nominalizador e a leitura aspectual veiculada. Mas como aparece discutido a seguir, esse pode não ser o caso.

Do ponto de vista semântico, a literatura reconhece dois tipos de aspecto: o lexical e o gramatical. O ASPECTO LEXICAL (OU ACIONALIDADE) diz respeito à classificação dos eventos de acordo com suas propriedades temporais intrínsecas, que se relacionam fortemente com a ontologia. Vendler (1967), por exemplo, entende que o aspecto lexical diz respeito ao modo como um predicado verbal esquematiza a noção do tempo e, a partir disso, distribui os predicados em quatro classes acionais, quais sejam: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

O ASPECTO GRAMATICAL (OU VERBAL), por sua vez, diz respeito à maneira como os eventos aparecem descritos nas sentenças (pontual/durativo, conclusivo/inconclusivo etc.) à escolha do falante. Este não diz respeito a propriedades temporais intrínsecas, expressas lexicalmente, mas sim, à visão de um evento subjacente à sua duração e ao seu desenvolvimento, a qual tem relação mais estreita não com a ontologia, mas com o repertório gramatical de uma dada língua.

Tradicionalmente, esse tipo de aspecto está associado à morfologia flexional no domínio verbal (e, por isso, aspecto *verbal*), como pode ser observado na diferença entre *o João nadou* e *o João nadava*. Nos dois casos, o evento (João nadar) está localizado no passado (tempo pretérito); a diferença entre essas duas sentenças recai sobre o modo de apresentação do evento: perfectivo (*nadou*) ou imperfectivo (*nadava*).

A ideia clássica de que a informação de aspecto gramatical está no domínio da morfologia flexional vem do fato de que, pelo menos nas línguas românicas, a informação de aspecto está enfeixada com a informação de tempo e, em muitos casos ainda, com a informação de pessoa e número. São morfemas flexionais CUMULATIVOS. Isso quer dizer que, via de regra, o aspecto gramatical não aparece como informação independente do tempo; por exemplo, *-va* de *nadava* não sinaliza apenas o aspecto imperfectivo ou pretérito, mas as duas coisas juntas, da mesma forma que *-ou* em *nadou* significa pretérito, aspecto perfectivo e terceira pessoa do singular.

Todavia, isso ocorre não porque essas noções são ontologicamente dependentes, mas sim, porque certas línguas enfeixam essas informações em um único morfema. Logo, a relação do aspecto gramatical com a morfologia flexional é *gramatical* e não *ontológica*. Dito de outro modo, a princípio, é perfeitamente

possível encontrar aspecto gramatical no domínio derivacional, por exemplo, nas nominalizações, como ilustrado com exemplos do polonês em (3) – retirados de Alexiadou (2001, p. 131).

3. (a) Oceni-enie studentów przez nuaczycieli nastąpiło szybko.  
avaliação-PERF estudantes-GEN pelos professores ocorreu rapidamente  
'a avaliação dos estudantes pelos professores ocorreu rapidamente'
- (b) Oceni-anie studentów przez nuaczycieli ciągnęło się przez cały tydzień.  
avaliação-IMPERF estudantes-GEN pelos professores durou REFL pela semana  
'a avaliação dos estudantes pelos professores durou a semana toda'

Como aparece em (3), nas nominalizações eventivas do polonês, há uma oposição bastante clara entre *enie* ('PERF') e *anie* ('IMPERF'). Primeiramente, porque nessa língua, pelo menos nos exemplos dados, a marca de aspecto gramatical é discreta, e o morfema que o expressa é não cumulativo. Em segundo lugar, porque a oposição entre perfectivo e imperfectivo, a diferença no modo de descrição do evento (pontual versus durativo) é claramente sinalizada por expedientes sintáticos distintos: *ocorreu rapidamente* (para aspecto perfectivo) e *durou a semana toda* (para aspecto imperfectivo). Com relação ao português, essa oposição não aparece morfológicamente marcada nas nominalizações eventivas, mas poderia ser depreendida do contexto, como pode ser visto em (4).<sup>3</sup>

4. (a) Durante a destruição da cidade, o general parecia implacável.  
(b) Depois da destruição da cidade, o exército bateu em retirada.

Há estudos sobre o PB que afirmam que alguns sufixos nominalizadores disparam leituras aspectuais. Contudo, uma avaliação mais atenta de alguns trabalhos que tratam da relação entre nominalização (e principalmente, do nominalizador) e aspecto mostra que não parece ser o caso de ser o *sufixo* aquele a desencadear um certo tipo de leitura em termos de aspecto gramatical.

Costa (1990) talvez tenha sido o primeiro estudo a sugerir que diferentes sufixos *nominalizadores* incidem sobre as propriedades aspectuais do evento expresso. Para a autora, há um tipo de nominalização que “refere o processo encarado globalmente, sem referência à constituição temporal interna e” (...) um outro tipo de nominalização que “refere o processo encarado imperfectivamente, chamando a atenção para sua constituição temporal interna” (p. 90). Exemplos da autora são vistos em (5)

5. (a) convívio ~ convivência.  
(b) ajuste ~ ajustamento.

---

<sup>3</sup> Um dos pareceristas anônimos observou que esse teste poderia servir como diagnóstico não de (im)perfectividade, mas de duratividade. De todo modo, independentemente de o evento ser ou não durativo, *durante* dispara uma leitura imperfectiva, no sentido de que o falante o descreve como “em andamento”, já *depois* de sinaliza uma leitura perfectiva, porque a escolha do falante é caracterizar o evento como concluído.

- (c) processo ~ processamento.
- (d) teste ~ testagem.

A respeito de (5), segundo Costa, os exemplos marcados com sufixo expressam a ideia de imperfetividade, ao passo que os não marcados por sufixo<sup>4</sup> disparariam uma leitura global do evento (ou seja, perfectiva). Todavia, como afirmado, a ausência de marcação com sufixo com material fonético equivale não a uma *não marcação*, mas a uma instância de sufixo Ø. Sendo assim, reinterpretando a conclusão da autora, nominalizações com sufixo Ø disparariam uma leitura perfectiva, ao passo que outras nominalizações desencadeariam leitura imperfectica. Entretanto, os exemplos em (6), (7) e (8) mostram que tanto a leitura perfectiva quanto a imperfectica estão disponíveis.

- 6. (a) Durante a convivência com a Ana, o João virou vegetariano.
- (b) Depois da convivência com a Ana, o João parou de comer carne.
- 7. (a) Durante o processamento do pedido, você deve aguardar na sala de espera.
- (b) Depois do processamento do pedido, você deve procurar a gerente da loja.
- 8. (a) A testagem da amostra ocorreu enquanto o Pedro dormia no laboratório.
- (b) A testagem da mostra ocorreu quando o Pedro comprou o laboratório.

O que os exemplos em (6), (7) e (8) sugerem é que, com o expediente sintático apropriado, é possível que a nominalização expresse tanto uma leitura “encarada globalmente” quanto chame “a atenção para a constituição temporal interna do evento expresso”. Naturalmente, essa observação não sugere que os sufixos em (5) veiculam o mesmo tipo de interpretação semântica. Intuitivamente, os nomes à direita e à esquerda sinalizam leituras diferentes. No entanto, o ponto é que não se trata de uma diferença *aspectual*, uma oposição entre aspecto perfectivo e imperfectivo, como pode ser visto no contraste com os casos verbais em (9) e (10).

- 9. (a) \*Depois que convivia com a Maria, o João mudou de atitude.
- (b) Depois que conviveu com a Maria, o João mudou de atitude.
- 10. (a) Enquanto ajustava a saia, a costureira teve uma ideia.
- (b) \*Enquanto ajustou a saia, a costureira teve uma ideia.

Diferentemente dos exemplos em (6), (7) e (8), os casos em (9) e (10) mostram que, em se tratando dos verbos, não é qualquer expediente sintático que gera uma construção bem formada. Esse contraste de gramaticalidade leva à conclusão de que o sufixo nominalizador (diferentemente dos sufixos flexionais ou das nominalizações do polonês) não dispara uma leitura aspectual, essa leitura é depreendida do contexto sintático.

No que concerne à intuição de Costa de que diferentes nominalizações veiculam diferentes leituras, pode ser que isso seja resultado de outra propriedade, que não aspecto. Brinton (1995), por exemplo, defende que os diferentes

---

<sup>4</sup> Conforme o Quadro 1, em *convívio*, *-i-* é um sufixo nominalizador e não faz parte da raiz.



nominalizadores do inglês sinalizam leituras semânticas distintas, mostrando que há certa sistematicidade entre a classe acional do verbo (ou da base verbal) e o emprego do sufixo que ocorre na nominalização correspondente.

Conforme sua análise, tanto sufixos latinos (como *-al*, *-ation*, *-ment* etc.) quanto o sufixo Ø são dispositivos de EMPACOTAMENTO e atribuem uma leitura delimitada ao evento (que independe da telicidade), ao passo que *-ing* é um recurso de MOAGEM e gera um efeito de indelimitação do evento. Para ilustrar essas operações de coerção à luz de propriedades gramaticais, Brinton (1995) parte de um paralelo, já bem estabelecido na literatura, de que predicados atélicos se comportam como nomes de massa e predicados télicos têm um comportamento semelhante a nomes contáveis, no que diz respeito à cumulatividade e à delimitação.

Para citar um exemplo, uma porção de lama somada à outra porção de lama tem como referência uma terceira porção de lama, da mesma forma que um período de tempo de nadar somado a outro período de tempo de nadar tem como referência um terceiro período de tempo de nadar. Nesses casos, pode até ser que a referência resultante seja maior (em massa ou em período de tempo), mas trata-se de uma referência *cumulativa*. Diferentemente, a soma de uma cadeira com outra cadeira não tem a mesma referência de uma cadeira (mas de duas) do mesmo modo que a soma de um evento de cair com outro evento de cair não equivale a uma única queda (mas a duas). Nesse caso, a referência é não cumulativa.

Com relação à “delimitação”, tanto nomes concretos quanto eventos podem ser, de alguma forma, delimitados em sua referência; por exemplo, é possível mensurar água, através de um contenedor como “copo”, fazendo com que um nome massivo (homogêneo e cumulativo) passe a ter uma referência delimitada, contável (podem-se contar copos de água) e não cumulativa. Trata-se de um processo de coerção por empacotamento. Da mesma forma, um predicado eventivo (atélico) como *correr* pode ser delimitado em períodos de tempo, como em *correr por 10 minutos* ou *correr duas vezes*, transformando-o em uma referência delimitada, não cumulativa e contável (*correr duas vezes por 10 minutos*). Seria um caso de empacotamento no domínio eventivo.

Do mesmo modo, nomes contáveis e eventos télicos podem ser descritos como indelimitados na sua referência. Trata-se de um processo de coerção por moagem. O nome concreto *garrafa* é prototipicamente contável, no entanto, pode-se dizer *esse sofá é feito de garrafa (reciclável)*, em que há uma espécie de indelimitação da referência, cuja interpretação é a de “substância que constitui X”. No domínio dos eventos, Brinton (1995) entende que auxiliares do tipo de *continuar* tem um efeito moedor, como em *continue construindo a casa*, em que um evento télico (com limites definidos) passa a descrever um evento que não pode mais ser contado, como em *\*o João continuou construindo a casa duas vezes versus o João continuou construindo a casa por dias*.

A necessidade de mais uma propriedade na ontologia de descrição dos eventos não é imediatamente óbvia, mas um olhar mais atento para os contextos sintáticos onde as nominalizações podem ser empregadas revela que apenas (a)telicidade e (im)perfectividade não dão conta de capturar todas as características dos eventos e consequentemente os recursos gramaticais que os refletem. Para dar um exemplo,

considerem-se os dados a seguir, para nominalizações como *conversa* em (11) e (12) ao lado de *avanço* em (13) e (14).

11. (a) Durante a conversa com o João, a Ana perdeu o controle.  
(b) Durante as duas últimas conversas com o João, a Ana perdeu o controle.
12. (a) Depois da conversa com o João, a Ana chorou feito criança.  
(b) Depois das últimas duas conversas com o João, a Ana ficou impassível.
13. (a) Durante o avanço das tropas, o general estava confiante.  
(b) \*Durante os dois últimos avanços das tropas, o general estava confiante.
14. (a) Depois do avanço das tropas, o general percebeu que o João havia sumido.  
(b) \*Depois dos dois últimos avanços das tropas, o general quis renunciar.

A observação do contraste de gramaticalidade entre as sentenças (11), (12), (13) e (14) faz surgir a questão de por que a quantização e a pluralização são possíveis com *conversa*, mas não com *avanço*. Essa pergunta surge, pois ambos os eventos são atélicos (predicados de atividade) e, logo, não deveriam ser ‘delimitados’. Além disso, vale a pena notar que isso também não tem relação com o aspecto, já que (12b) e (13a) são bem formadas. Nesse caso, se alguma outra propriedade não estivesse em jogo, não seria possível explicar como um evento imperfeito e atélico pode ser quantizado e apresentar propriedades de nome contável.

Brinton (1995) entende que isso ocorre devido à presença de uma propriedade de DELIMITAÇÃO, que faz com que a referência do evento seja arbitrariamente definida (isto é, na ausência de um TELOS ou de um aspecto perfectivo), de modo que seja possível quantizar e pluralizar esse evento. Por exemplo, uma conversa não tem um ponto de culminação inerente, mas existe uma delimitação extralinguística que determina o fim de uma conversa – quando alguém profere a ‘última sentença’ – o que não parece ser o caso de *avanço*. No domínio concreto, encontram-se exemplos como *eu queria uma cerveja*, mas não \**eu queria um sangue* (mesmo que isso fosse dito por Drácula). Ambos os nomes são massivos, mas parece que *cerveja* se submete mais facilmente à coerção, ou à delimitação, do que *sangue*.<sup>5</sup>

Adicionalmente, Resende (2016b) mostra que certas nominalizações de atividade – como *briga*, *conversa* etc. – podem co-ocorrer com *terminar*, como em *a conversa terminou* e *a briga terminou*. A compatibilidade com *terminar* (*de*), conforme a literatura sobre o PB, está associada à classe dos *accomplishments*, em virtude de se tratar de um evento que se desenvolve em direção a um ponto de culminação. Resende entende que essa compatibilidade de *terminar* com predicados (atélicos) de atividade se deve a uma delimitação extrínseca que, na ausência de um telos, serve como a propriedade que licencia essa co-ocorrência.

---

<sup>5</sup> Essa “maior facilidade” de coerção também está ligada à existência de um contenedor socialmente convencionalizado. Por exemplo, pessoas compram *garrafas* ou *latas* de cerveja. A interpretação natural de *eu queria uma cerveja* envolve a leitura de que o falante queria uma lata ou uma garrafa de cerveja. O mesmo não vale para *sangue*. Não há nenhum contenedor socialmente convencionalizado para ele.

Retomando os dados de Costa (1990), é possível que haja, de fato, uma diferença de interpretação entre os nomes marcados por sufixo e as nominalizações zero, como a autora sugere; porém, essa diferença não é aspectual, conforme mostrado. Uma hipótese razoável seria a de que ela tenha a ver com alguma leitura de delimitação, a qual é disparada pelo sufixo empregado, da mesma sorte que os morfemas flexionais fazem no domínio do verbo, em relação a tempo e aspecto.

A primeira evidência em favor da hipótese de que a (in)delimitação está codificada no dispositivo nominalizador vem do fato de que, com base nisso, é possível propor que diferentes nominalizadores disparam diferentes leituras, as quais não dependem necessariamente do aspecto (gramatical ou lexical). Além disso, a ideia de que essa é uma propriedade inerente à classe nominal explicaria por que a delimitação é um fenômeno que ocorre também com nomes concretos, como para nomes do tipo de *cerveja*, *água* etc. que não mantêm qualquer relação com o domínio eventivo.

Adicionalmente ao trabalho de Costa (1990), Castilho (2010) oferece algumas observações a respeito do aspecto em nominalizações. Segundo o autor (p. 460), o *aspecto verbal* é preservado nos nomes deverbais. Para Castilho, *agrado*, *busca* etc. são nominalizações imperfectivas (“remetem a referentes que duram”), ao passo que *alarme*, *ameaça*, *ataque* etc. são nominalizações perfectivas (“remetem a referentes pontuais”). Diferentemente de Costa, a análise de Castilho sugere não que o “aspecto verbal/gramatical” venha do sufixo nominalizador, mas sim, de alguma propriedade aspectual do verbo base. No entanto, a análise de Castilho enfrenta dois problemas. O primeiro deles é o mesmo da análise de Costa (1990), qual seja: as nominalizações eventivas parecem ser capazes de veicular tanto uma leitura perfectiva quanto imperfectiva. Mais exemplos em (15).

15. (a) Durante a ameaça / durante o ataque.  
(b) Depois da ameaça / depois do ataque.

O segundo problema é o de que o aspecto verbal (ou gramatical) não é inerente ao predicado (assim como parece ser o aspecto lexical), de modo que possa ser simplesmente ‘transmitido’. O aspecto gramatical diz respeito à perspectiva da descrição do evento e, como os exemplos em (16) e (17) mostram, o ponto de vista do falante sobre o evento não precisa necessariamente ser preservado nem mesmo em uma situação de anáfora, em que a nominalização retoma o evento expresso pelo verbo.

16. (a) Carlos buscava respostas há anos. Depois de sua busca incansável, ele...  
(b) Carlos buscou respostas por anos. Durante essa busca, ele...  
17. (a) Naquele momento, a Alemanha atacava a França. Depois do ataque...  
(b) Ontem a Alemanha atacou a França. Durante o ataque...

Embora Castilho (2010) não apresente uma análise detalhada dos casos arrolados, as observações feitas e os dados apresentados nesta seção enfraquecem as generalizações propostas pelo autor. Claro, intuitivamente as nominalizações

parecem preservar alguma propriedade dos seus verbos derivantes, mas a questão nesse caso é que essa herança não diz respeito a propriedades de *aspecto gramatical* (ou verbal). Isso não quer dizer que não haja, de fato, uma diferente contribuição semântica a depender do tipo do verbo base.

Ao discorrer sobre o mesmo tipo de problema, Resende (2016b) apresenta um estudo sobre a relação entre a acionalidade dos verbos e de suas nominalizações zero eventivas cognatas. O autor mostra, aplicando os mesmos testes sintáticos em verbos e nomes, que as nominalizações zero eventivas preservam as propriedades do *aspecto lexical* dos seus verbos, ou seja, verbos estativos derivam nominalizações estativas; verbos de *achievement*, nominalizações de *achievement* etc.

Essa conclusão reforça a ideia de que há, de fato, um aspecto *lexical* no sentido de que, como propriedade intrínseca ao predicado, é esperado que ela apareça quer em verbos quer em nomes. Por outro lado, o “aspecto externo” se refere a um ponto de vista, logo, fica menos evidente a motivação de por que ele deveria ser mantido independentemente de como o evento é expresso – já que ele depende, por definição, da perspectiva do falante. Isto é, se o aspecto codifica a perspectiva do falante em relação ao desenvolvimento de um evento, é perfeitamente possível que haja diferentes perspectivas. Isso não quer dizer que o aspecto gramatical não *possa* ser mantido, mas quer dizer que ele não *precisa* ser, como sugere Castilho.

De todo modo, a intuição do trabalho de Castilho (2010) pode ser (re) capturada se for o caso de a ‘transmissão’ das propriedades aspectuais forem as de aspecto lexical (e não de aspecto verbal), como propõe Resende (2016b), Talvez a ideia de duratividade de *busca e agrado* venha de sua atelicidade (são predicados de atividade), da mesma forma que o caráter “pontual” de *ameaça, alarme e ataque* possa vir de sua leitura prototipicamente de *achievement* (téliica), por definição, pontual e instantânea – cf. Travaglia (1985) para críticas semelhantes.

Além de Costa (1990) e Castilho (2010), trabalhos como Oliveira (2007) e Freitas (2014) – ambos se debruçando sobre as propriedades de -ção e -ment – também defendem que o sufixo que aparece nas nominalizações eventivas no PB é o elemento que codifica aspecto. Por motivos de espaço, esses trabalhos não são explorados neste artigo. De qualquer forma, a resposta para essas análises é basicamente a mesma: o nominalizador não pode ser o elemento responsável pelo aspecto gramatical; do contrário, a manipulação dos diferentes contextos sintáticos não seria possível (assim como não é nos verbos). Da mesma sorte, o sufixo não pode ser responsável pelo aspecto lexical (ou qualquer propriedade aspectual intrínseca); se esse fosse o caso, o compartilhamento de propriedades eventivas entre verbos e suas nominalizações cognatas seria apenas uma coincidência, uma vez que verbos não possuem sufixos nominalizadores.

### 3. NOMINALIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO

Como mostrado, o presente artigo defende que os nominalizadores do PB não codificam propriedades aspectuais. Alternativamente, sugere que, pelo menos,

alguns sufixos podem gerar um efeito de delimitação, como proposto por Brinton (1995), da mesma forma que ocorre no domínio concreto. Para ilustrar essa propriedade, esta seção discorre sobre o comportamento das nominalizações que empregam *-d-* e *-gem*. Exemplos do primeiro caso aparecem em (18).<sup>6</sup>

18. (a) estada... (estados)  
 (b) corrida, descida, escalada, ida, mexida, subida... (atividades)  
 (c) batida, dentada, gemido, lambida, mordida, risada... (semelfactivos)  
 (d) chamada, chamado, jogada, pedido... (accomplishments)  
 (e) chegada, partida, picada, saída... (achievements)

O que os dados em (18) mostram é que o sufixo *-d-* é compatível com todos os tipos de aspecto lexical. A classe dos semelfactivos contém, *grosso modo*, os predicados de atividade que são compostos por subeventos de *achievement* – trata-se de um grupo híbrido. Se não há restrições de combinação desse sufixo com o tipo de aspecto lexical da base/peça verbal, convém olhar para o tipo de efeito que esse sufixo produz nas diferentes classes.

No caso dos *accomplishments* e dos *achievements* (isto é, dos predicados télicos) o sufixo parece estar nominalizando o evento como um todo. Por exemplo, em *a chegada da Ana* ou em *o pedido do Pedro*, a nominalização parece se referir ao evento completo, independentemente de ele ser descrito como pontual (*depois da chegada/do pedido*) ou durativo (*durante a chegada/o pedido*). Vale a pena notar que no caso dos estados e das atividades, a ideia de “expressar o evento completo” é menos óbvia, já que esses são predicados intrinsecamente atélicos. Nesse caso, o sufixo *-d-* parece estar produzindo um efeito de delimitação do evento, que não tem a ver com ponto de culminação ou com o ponto de vista.

Conforme Brinton (1995), esse efeito no domínio dos eventos pode ser entendido como “fazer uma determinada atividade por um certo período de tempo”, período esse que é arbitrário e determinado extralinguisticamente. E parece ser essa a intuição por trás de *corrida* e *mexida*. *Uma corrida* denota um evento de correr por um certo período de tempo, que independe da existência de um ponto de culminação ou da perspectiva de descrição do evento. Podem-se contar corridas ou mexidas (no cabelo) da mesma forma que se podem contar (*garrafas de*) *cerveja* ou (*copos de*) *água*; no domínio concreto, esse efeito envolve contenedores; no eventivos, períodos (arbitrários) de tempo.

O mesmo raciocínio se aplica a *estada* (derivado de um predicado estativo), que envolve a noção de *estar em algum lugar* por um certo período de tempo. Claro, a ocorrência desse sufixo com predicados de estado é bem menos produtiva; no entanto, é possível reconhecer o mesmo efeito delimitador também nesse caso. Naturalmente, com predicados télicos, a delimitação do evento não é arbitrária ou extralinguística, dada a existência do telos; *um pedido* envolve o ponto de culminação de pedir da mesma sorte que *uma chegada* envolve o ponto de

<sup>6</sup> Nessa análise, estão sendo desconsideradas instâncias de nominalizações em *-ada* que ocorrem em construções com o verbo leve *dar* – cf. Scher (2006) e Medeiros (2010) para discussão desses casos.

culminação chegar. O recorte extralinguístico é feito quando não há nada intrínseco ao predicado que o delimite.

Isso fica mais evidente com predicados semelfactivos. Ainda que esses sejam instâncias de predicados atélicos (de atividade), eles estão intrinsecamente subdivididos em eventos de *achievement*. Isso quer dizer que quando essas predicacões ocorrerem com um dispositivo delimitador (como o sufixo *-d-*), o recorte vai ser exatamente o de um único evento *achievement*, que é exatamente o que *lambida*, *mordida*, *gemido* etc. significam. Ou seja, quando o sufixo *-d-* ocorre com semelfactivos, a nominalização denota um único evento delimitado, não por período de tempo, mas por ponto de culminação, dada a sua natureza *achievement*.

Assim, em adição à (a)telicidade (aspecto lexical) e à (im)perfectividade (aspecto gramatical), há a (in)delimitação, que é codificada pelo sufixo nominalizador. Essa delimitação é a propriedade que licencia o comportamento sintático de nome contável, assim como ocorre no domínio concreto. Em predicados atélicos e semelfactivos, a delimitação incide sobre o ponto de culminação; para atividades e estados, ela é feita arbitrariamente em termos de períodos de tempo. Em síntese, este artigo defende que a interpretação das nominalizações em *-d-* pode ser expressa informalmente por (19).

#### 19. Interpretação do sufixo *-d* (“delimitador”):

Se *V* denota um evento, então, *V-d* denota uma porção delimitada de *V*.

Diferentemente do sufixo *-d-*, o sufixo *-gem* parece produzir um efeito contrário, qual seja: de indelimitação. Alguns exemplos aparecem em (20).

20. (a) viagem, espionagem... (atividades)  
(b) reciclagem, contagem, lavagem, listagem, montagem... (*accomplishments*)  
(c) decolagem, aterrissagem, checagem... (*achievements*)

A pequena amostra de exemplos em (20) revela que *-gem* não é produtivo com predicados estativos nem com atividades semelfactivas. Por hipótese, esse sufixo gera um efeito indelimitador (ou “moedor” no domínio eventivo) da mesma forma que pode ser visto em *é muito carro para pouca garagem* ou *tinha gato para todos os lados* em que nomes prototipicamente contáveis (*carro* e *gato*) aparecem em contextos massivos com uma leitura que ignora suas unidades, ou seja, a delimitação da referência. No caso dos eventos, isso quer dizer que independentemente do evento, o sufixo *-gem* produz uma leitura em que esses limites se tornam irrelevantes, tornando as nominalizações em *-gem* compatíveis com uma leitura de duratividade.

Mais uma vez, essa leitura não pode ter relação com aspecto gramatical, já que a descrição do evento como durativo ou pontual independe da presença desse sufixo (*depois da reciclagem/durante a reciclagem*). De qualquer forma, vale a pena notar que a ocorrência desse nominalizador parece inviabilizar um contexto sintático “quantizado” mesmo que o evento seja atélico e apresentado como perfectivo, como visto em (21).

21. (a) \*Depois das duas últimas reciclagens do lixo, a máquina foi desligada.  
(b) \*Depois das últimas duas lavagens da blusa, o tecido encolheu.  
(c) \*Depois de três montagens do quebra-cabeça, o João enjoou do presente.

O que os exemplos em (21) mostram é que a incompatibilidade dessas nominalizações com contextos contáveis (ou seja, delimitados) não pode vir nem no aspecto lexical (pois são télicos) nem do gramatical (pois são pontuais). A hipótese é a de que a presença de *-gem* transforma esses eventos em indelimitados, o que tem como consequência uma leitura durativa. Isso explica por que esse sufixo também ocorre com *achievements* e mesmo nesses casos, a leitura parece ser a de processo – o que não seria esperado já essa classe se caracteriza por conter eventos instantâneos e pontuais.

O mesmo vale para as atividades. A leitura de processo durativo sinalizada pelo sufixo *-gem* é compatível com as atividades que ontologicamente se caracterizam como durativas. No entanto, sua improdutividade com estados pode ser resultado da falta de convergência entre predicados de estados (homogêneos, por natureza) com a leitura de processo, provocada por esse afixo indelimitador.

Informalmente, a interpretação desse nominalizador poderia ser descrita como (22), em que “porção indelimitada” pode fazer referência ao desenvolvimento do evento, da mesma forma que o efeito moedor no domínio concreto faz referência à substância que constitui o objeto. Em última análise, a *reciclagem* é parte do evento/da substância que constitui o evento de reciclar.

#### 22. Interpretação do sufixo *-gem* (“indelimitador”):

Se *V* denota um evento, então, *V-gem* denota uma porção indelimitada de *V*.

## 4. NOMINALIZAÇÃO E BLOQUEIO

Como apresentado, o repertório de sufixos nominalizadores no PB é vasto. A respeito disso, foi argumentado que pelo menos um subconjunto dessa grande variedade é resultado não de idiossincrasias morfológicas, mas de diferentes efeitos de sentido a depender do evento expresso, como (in)delimitação para os sufixos *-d-* e *-gem*. Além disso, foi mostrado que, a despeito de alguns sufixos veicularem leituras semânticas específicas, essas leituras não têm a ver com aspecto (gramatical ou lexical), como alguns trabalhos sugerem.

Dadas essas considerações, convém tecer alguns comentários sobre competição e bloqueio de afixos, à luz da hipótese sendo desenvolvida neste trabalho. Como apresentado, no modelo de Aronoff (1976) – e trabalhos relacionados – a competição entre os afixos tem uma natureza puramente morfológica e, em um certo sentido, idiossincrática. Contudo, pode ser o caso de que a ocorrência de um determinado sufixo leve em conta, pelo menos, outras duas variáveis, a saber, (i) a semântica do sufixo e (ii) a semântica raiz.

O primeiro caso é o daquele ilustrado em § 3 para *-d-* e *-gem*, em que os próprios nominalizadores produzem um efeito semântico, o segundo poderia ser

ilustrado pelo fato de que diferentes nominalizadores podem servir como evidência para diferentes sentidos de uma mesma raiz. Exemplos dessa afirmação aparecem em (23).

23. (a) curtição ~ curtida.  
(b) tentação ~ tentativa.  
(c) canto ~ cantada.  
(d) contação ~ contagem.

Os pares em (23) mostram que sufixos distintos podem estar associados a diferentes sentidos da mesma raiz ou a raízes com a mesma forma fonológica (isto é, homófonas): *canto* é uma nominalização de *cantar* com sentido de produzir música com a voz, mas *cantada* tem uma leitura que se relaciona não à produção de música, mas à vocalização de um flerte. Da mesma forma, *contagem* está fortemente associado a números (como em *contagem regressiva*), ao passo que *contaço* parece ter mais a ver com algo não numérico (como *contaço de histórias*).

Assim sendo, qualquer que seja o mecanismo de formação de palavras proposto, ele deve estar sensível tanto a formações “puramente morfológicas” quanto a derivações motivadas semanticamente, quer pela raiz quer pelo próprio nominalizador. Uma forma de acomodar esses fatos é em termos de uma abordagem sintática para a formação de palavras, como a da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), na esteira de muitos trabalhos recentes sobre o PB, como Oliveira (2006), Scher (2006), Oliveira (2007), Medeiros (2010), Resende (2018).

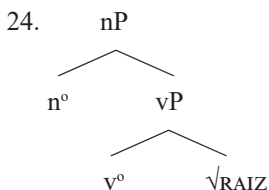
Basicamente, a ideia desse modelo é de que as palavras são formadas na sintaxe por meio das mesmas operações que formam sintagmas e sentenças: concatenação e movimento. Além disso, esse modelo endossa a inserção tardia, defendendo que a inserção de conteúdo fonológico é inserida depois de todas as operações sintáticas e morfológicas. Por questão de espaço e de escopo, esses pressupostos não aparecem reproduzidos neste artigo – cf. os trabalhos citados anteriormente e suas referências.

A discussão sobre a estrutura funcional das nominalizações ainda é motivo de muito debate na literatura. Há um certo consenso da literatura sobre nominalizações – cf. Alexiadou (2001, 2009) e Harley (2009), entre outros – de que nominalizações eventivas contêm (pelo menos) uma camada vP (a “camada verbal”, responsável pela leitura de evento) e uma camada nP (responsável pela nominalização), como ilustrado em (24).<sup>7</sup>

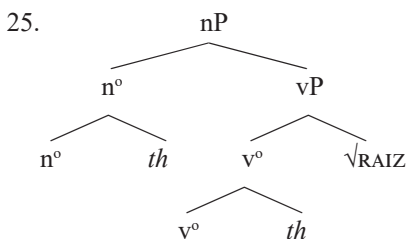
---

<sup>7</sup> Como sinalizado por um parecerista anônimo, é preciso dizer que o núcleo v<sup>o</sup> é responsável pela leitura de eventualidade (isto é, a introdução de *le* em LF). Esse núcleo deve aparecer tanto em nominalizações eventivas quanto em nominalizações que têm uma interpretação dependente de eventos, como RESULTADO. Essa leitura pode ser capturada, por exemplo, com a codificação [RESULTADO] do núcleo Asp<sup>o</sup>, como defende Embick (2003).





Adicionalmente a esses nós/morfemas, seguindo Harris (1999), para cada núcleo categorizador na sintaxe, é inserida uma posição temática (*th*) na ESTRUTURA MORFOLÓGICA (MS), a qual aloca a vogal temática. Assim, assumindo uma estrutura sintática mínima como (24), a derivação das nominalizações dever ser como (25).



O que a estrutura em (25) sugere é que as nominalizações eventivas (que têm vP) vão apresentar duas vogais temáticas: a vogal temática verbal (projetada por v°) e a vogal temática nominal (projetada por n°). E essa parece ser exatamente a generalização depreendida a partir dos exemplos no Quadro 1, a vogal que antecede o sufixo nominalizador é a mesma que aparece nos verbos (*contação*, *bateção*, *destruição* etc.). Além disso, conforme essa análise, a vogal átona final que aparece nas nominalizações não faz parte do sufixo, mas tem uma natureza morfológica independente. Isso quer dizer que, diferentemente do que propõem alguns trabalhos, há apenas um sufixo *-ment-*, *-d-*, *-t-*, *-tóri-*,  $\emptyset$ , e a variação *o / a / e* é da vogal temática e não do nominalizador.

Como afirmado, do ponto de vista da sintaxe, os diferentes nominalizadores têm o mesmo estatuto, o que é representado por n° na estrutura. O fenômeno da competição entre afixos bem como o mecanismo de bloqueio, à luz dos pressupostos da MD, deve estar relacionado à INSERÇÃO DE VOCABULÁRIO, isto é, à realização do nó n°. Segundo a análise sendo defendida neste artigo, a inserção de Vocabulário nas nominalizações deveria ser algo como na amostra em (26).

#### 26. Inserção de Vocabulário:

- $n^{\circ}_{[DELIMITADO]} \leftrightarrow /d/ / v^{\circ} \_ X$ , em que  $X = \sqrt{\text{PED}}, \sqrt{\text{CHAM}}, \sqrt{\text{GEM}} \dots$   
 $n^{\circ}_{[INDELIMITADO]} \leftrightarrow /z\tilde{e}y/ / v^{\circ} \_ Y$ , em que  $Y = \sqrt{\text{RECICL}}, \sqrt{\text{MONT}}, \sqrt{\text{ESPION}} \dots$   
 $n^{\circ} \leftrightarrow /iv/ / W$ , em que  $W = \sqrt{\text{TENT}}, \sqrt{\text{INICI}}, \sqrt{\text{EXPECT}} \dots$   
 $n^{\circ} \leftrightarrow \emptyset / Z$ , em que  $Z = \sqrt{\text{FAL}}, \sqrt{\text{CORT}}, \sqrt{\text{GRIT}} \dots$

No mecanismo de inserção de Vocabulário em (26), é possível capturar os três tipos de motivação sugeridos para a alta variedade de sufixos nominalizadores, quais sejam, (i) os sufixos que, de fato, dão uma contribuição semântica, (ii) os sufixos que nominalizam diferentes sentidos da mesma raiz, (iii) os sufixos que se anexam a determinadas raízes em virtude de propriedades morfológicas, tais como idiosincrasias ou exigência de algum outro morfema – cf. Freitas (2014) para discussão.

Naturalmente, mesmo para os casos em que o sufixo contribui semanticamente para a leitura do evento, é preciso que haja um contexto (ou seja, uma lista de raízes) para restringir seus contextos de inserção, dada sua produtividade (morfológica) não categórica, ou seja, ainda que esses sufixos tenham uma leitura semântica produtiva, não são todas as raízes que se combinam com eles.

No que tange à noção de bloqueio de Aronoff (1976), em modelos de morfologia baseados em palavra, em que os então chamados “itens lexicais” são formados por meio de regras, no léxico, a gramática deve dispor de algum mecanismo que bloqueie a aplicação de uma regra devido à existência de um item lexical que já ocupa aquela função. Nessa abordagem, por exemplo, *colheita*, sendo a única ocorrência de *-it-*, deveria estar listado, porque sendo um sufixo improdutivo, não seria gerado por uma regra. Por essa razão, uma operação de bloqueio deve impedir que a regra para formar nominalizações em *-mento* se aplique ao verbo *colher*, o que formaria *\*colhimento*, uma nominalização “sinônima”.

Na MD, os “itens lexicais” não têm nenhum estatuto teórico privilegiado (não são primitivos de análise), e não há palavras previamente listadas. Nesse modelo, todas as estruturas são geradas na sintaxe e, como defendem Embick & Marantz (2008), não há “bloqueio”, no sentido clássico<sup>8</sup>, já que as estruturas malformadas nunca são geradas pela gramática – para depois eventualmente serem bloqueadas. No exemplo dado, *\*colhimento* nunca é gerado, porque  $\sqrt{\text{COLH}}$  não está na lista de raízes que serve de contexto para a realização do morfema n° como *-mento* e, portanto, não há nada para ser bloqueado.

Nessa perspectiva, todos os sufixos têm o mesmo estatuto e o mesmo custo para o sistema. A improdutividade é capturada em termos de listas de raízes que aparecem no contexto de um determinado ITEM DE VOCABULÁRIO. Por outro lado, a produtividade pode ser capturada em termos de traços, no sentido de que o sufixo é a realização de um traço ativo na sintaxe, um traço do nominalizador que tem consequências não somente no expediente sintático em que o nome aparece quanto no componente interpretativo.

A hipótese de que  $[\pm\text{DELIMITADO}]$  é uma propriedade de n° é corroborada pelo fato de que nomes concretos possuem a mesma propriedade. Assim, em seus usos prototípicos, *mesa* deveria ser formado por um nominalizador com o traço

---

<sup>8</sup> O sentido “clássico” se refere ao bloqueio no domínio derivacional. No que toca à morfologia flexional, parece haver, de fato, competição e bloqueio, que operam de acordo com o PRINCÍPIO DO SUBCONJUNTO, cf. Embick & Marantz (2008) para uma discussão detalhada.

[+DELIMITADO], ao passo que *lama* conteria um n° [-DELIMITADO] – o que refletiria sua qualidade massa/contável.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou do fenômeno da sufixação e da natureza dos sufixos que aparecem nas nominalizações eventivas do PB. Primeiramente, discutiu-se o fato de que há uma tendência geral na língua para que processos que envolvem mudança de classe sejam tratados como produto de sufixação (mesmo quando o nominalizador é Ø). Este artigo apresentou um levantamento de 23 sufixos nominalizadores, com suas variantes alomórficas e suas vogais temáticas, e mostrou que, pelo menos, um subconjunto deles está relacionado a algum tipo de efeito semântico especial, como *delimitação*, o qual não deve ser confundido com propriedades *aspectuais*.

No que tange à competição e ao mecanismo de boqueio, este artigo argumentou, seguindo Embick & Marantz (2008), que os sufixos nominalizadores nunca estão em competição – no sentido de Aronoff (1976) – porque as formas agramaticais nunca são geradas pelo sistema. Em um modelo como o da MD, que assume a inserção tardia, a realização fonológica do nominalizador não é relevante para a sintaxe, embora a presença de certos traços possa servir de contexto para a inserção apropriada de um dado sufixo.

Adicionalmente, este trabalho visou levantar quais são os sufixos nominalizadores do PB e verificar quais deles, de fato, exercem algum efeito de sentido em relação à raiz/estrutura que nominalizam. Foi mostrado que o sufixo *-d-* é um recurso delimitador, ao passo que *-gem* é um dispositivo indelimitador. Sob essa mesma perspectiva, é possível que pesquisas futuras mostrem se outros sufixos, tais como *-ção*, *-nça* etc. tenham o mesmo tipo de efeito ou produzem alguma outra leitura como iteratividade, perjoratividade etc.

Além disso, é preciso entender melhor o papel que a semântica tem (e pode ter) na seleção dos diferentes sufixos. Quanto às perguntas que nortearam a presente discussão, (i) os sufixos sozinhos portam algum tipo de significado e/ou produzem algum efeito semântico sobre o nome que formam? A resposta é afirmativa, ainda que esse significado não possa ser caracterizado como aspecto; (ii) os sufixos têm alguma preferência/restrrição quanto ao tipo de raiz/estrutura com que se combinam? Aparentemente sim, muito embora essa ideia precise ser mais bem explorada para um número maior de casos.

Pondo de lado esses casos, algumas questões foram apenas superficialmente discutidas. Ainda assim, as conclusões alcançadas por este trabalho parecem estar na mesma linha dos estudos recentes sobre teoria morfológica e sobre as nominalizações do PB e, adicionalmente, abrem caminhos para trabalhos futuros, explorando com mais detalhe a relação entre o papel dos diferentes sufixos, sobretudo à luz de uma interface com o componente semântico. Ademais, a atribuição de diferentes propriedades a n° deve ser mais bem entendida com relação ao que ocorre no domínio concreto.

## REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, Artemis. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis. On the role of syntactic locality in morphological processes: the case of (Greek) derived nominals. In: RATHERT, Monika; GIANNAKIDOU, Anastasia (Ed.). *Quantification, definiteness and nominalization*. Oxford: University of Oxford, 2009. p. 253-280.
- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT, 1976.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais da língua portuguesa: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. *Ilha do Desterro*. Florianópolis, n. 47, p. 49-71, 2004.
- BRINTON, Laurel J. The Aktionsart of deverbial nouns in English. In: BERTINETTO, Pier Marco; BIANCHI, Valentina; HIGGINBOTHAM, James; SQUARTINI, Mario (Ed.). *Temporal reference, aspect and acionality*. Tormo: Rosenberg & Sellier, 1995. p. 27-45.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.
- EMBICK, David. On the resultative participles in English. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, v. 35, p. 355-392, 2004.
- EMBICK, David. ; MARANTZ, Alec. Architecture and blocking. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, v. 39, n. 1, p. 1-53, 2008.
- FREITAS, Maria Luisa. Two nominalizing suffixes in Brazilian Portuguese: locality constraints on morphological realization. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 56, n. 1, p. 87-113, 2014.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument structure*. Cambridge: MIT, 1990.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Jay (Ed.). *View from the word building 20*. Cambridge: MIT, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, Heidi. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: RATHERT, Monika; GIANNAKIDOU, Anastasia (Ed.). *Quantification, definiteness and nominalization*. Oxford: Oxford University, 2009. p. 320-342.
- HARRIS, James. Nasal depalatalization ‘no’, morphological well-formedness ‘si’: the structure of Spanish word classes. *MIT Working papers in Linguistics*. Cambridge, v. 33, p. 47-82, 1999.
- KHEDI, Valter. *Formação das palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Aspecto e estrutura de evento nas nominalizações do português do Brasil: revendo o caso das nominalizações em ‘-ada’. *Letras de hoje*. Curitiba, n. 81, p. 99-122, 2010.

- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- OLIVEIRA, Déborah Christina de Mendonça. Nominalizações de evento/processo e nominalizações de resultado: diferenças estruturais. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 491-502, 2006.
- OLIVEIRA, Solange Mendes. Os sufixos nominalizadores ‘-ção’ e ‘-mento’. *Estudos Linguísticos*. Araraquara, v. 36, n. 1, p. 87-96, 2007.
- RESENDE, Maurício Sartori. Reconciliando propostas lexicalistas para a derivação regressiva. *Macabéa*. Crato, v. 5, n. 2, p. 53-66, 2016.
- RESENDE, Maurício Sartori. O aspecto lexical dos nomes deverbiais. *Via Litterae*. Anápolis, v. 8, n. 1, p. 23-41, 2016.
- RESENDE, Maurício Sartori. A nominalização zero do português: revisitando a derivação regressiva à luz da Morfologia Distribuída. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 61, p. 104-127, 2018.
- ROCHA, Luiz Carlos Assis. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROCHA, Luiz Carlos Assis. A nominalização no português do Brasil. *Revista de Estudos linguísticos*. Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 5-51, 1999.
- SCHER, Ana Paula. Nominalizações em ‘-ada’ em construções com o verbo leve ‘dar’ em português brasileiro. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 1,0 p. 29-48, 2006.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. EDUFU: Uberlândia, 1985.
- VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University, 1967.

Recebido: 26/4/2019  
Aceito: 14/8/2019  
Publicado: 10/10/2019